

Economia Política da Comunicação no Brasil: um subcampo em construção¹

Joanne dos Santos MOTA²

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

Anderson David Gomes dos SANTOS³

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

Resumo

Com quase três décadas da publicação inaugural no Brasil, a Economia Política da Comunicação (EPC) se firma como um subcampo corporificado e de contribuições fundamentais para os estudos em Comunicação no país. Pesa, nesse sentido, o argumento de que, para entender a trajetória da EPC no país, torna-se fundamental fazer o levantamento histórico da evolução do referido eixo teórico-metodológico, seja para apontar suas relações com outros eixos já constituídos; seja para sistematizar como se organiza a produção acadêmica dos estudos em EPC nesse período. Dito isso, o presente texto realizará os seguintes movimentos: apresentação da proposta de estudo revista e (re)situada; alguns apontamentos teóricos sobre o entendimento de conceitos fundamentais, tais como o de Campo Científico de Bourdieu, a questão dos paradigmas e a localização da EPC a partir disso; e, por fim, a localização do problema de pesquisa e os resultados esperados com a sua efetivação.

Palavras-chave: Economia Política da Comunicação; Campo da Comunicação; Teoria; Mapeamento.

Introdução

Esta reflexão faz parte de uma pesquisa de nível de Mestrado que, de forma geral, busca mapear os estudos de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (doravante EPC) no Brasil, cuja presença em produções científicas completará 30 anos em 2017. Além disso, objetiva verificar o local ocupado pela EPC no campo comunicacional brasileiro.

¹ Trabalho apresentado no DT – 8 GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM-UFS); Pós-Graduada em Globalização e Cultura, pela Faculdade de Sociologia e Política de São Paulo (Fespp). Bacharel em Comunicação/Jornalismo, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Vinculada ao Observatório de Economia e Comunicação (Obscom/UFS). Integrante da Rede de Economia Política das Tecnologias da Informação, da Comunicação e da Cultura (Eptic), editora do Portal Eptic, email: joannemota@gmail.com.

³ Professor do polo Santana do Ipanema/Campus Sertão da UFAL. Graduado em Comunicação Social/Jornalismo, pela UFAL, mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS e membro do grupo de pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade (CEPOS). E-mail: andderson.santos@gmail.com.

É importante dizer que ao longo da pesquisa – tanto de revisão bibliográfica, como de catalogação dos espaços institucionais, como os grupos de pesquisa, periódicos e grupo de trabalho –, o objeto ganhou novo corpus que inspirou novos questionamentos. Mas esse movimento não perdeu de vista os seguintes objetivos: as origens dos estudos em EPC no Brasil; a análise dos espaços institucionais desse subcampo; e a discussão sobre sua inserção e contribuição no campo da Comunicação.

As primeiras observações mostram o avanço dos estudos em EPC em diferentes espaços institucionais, o que reforça a proposta de Herscovici, Bolaño e Vasconcelos (2007), de que se fazia necessário que os agentes que atuam com o referido eixo teórico-metodológico contassem sua história, de maneira a reforçar as diferenciações deste campo de estudo na chamada luta epistemológica na Comunicação e para seguir em frente com os estudos da área, garantindo presença nas próximas décadas para além dos autores já clássicos.

Tal reflexão encontra fôlego também na reflexão de Moragas (2011, p. 15), o qual afirma que entender a história da investigação da comunicação se converte em passo essencial para entender os processos sociais: “La historia de la investigación constituye una ayuda inestimable para la propia historia de los medios, en tanto que expresa los criterios sociales de sus usos y las valoraciones de sus funciones en la sociedad”.

Dito isso, o presente texto realizará os seguintes movimentos: apresentação da proposta de estudo revista e (re)situada; alguns apontamentos teóricos sobre o entendimento de conceitos fundamentais, tais como o de Campo Científico de Bourdieu, a questão dos paradigmas e a localização da EPC a partir disso; e, por fim, a localização do problema de pesquisa e os resultados esperados com a sua efetivação.

Campo da Comunicação: reflexões iniciais

Há diferentes opiniões sobre a origem da constituição do campo da Comunicação no Brasil. Para Herscovici (2014), a estruturação do campo remonta os anos 1950, com a emergência, para citar apenas alguns exemplos, da Engenharia, da Teoria da Informação, do determinismo tecnológico e da Escola de Frankfurt.

Já para Melo (2010), mesmo com a criação dos pioneiros cursos superiores de Jornalismo e dos institutos de pesquisa de audiência, no final dos anos 1950, a

constituição só se consolidaria na década de 1960, com o surgimento de novos segmentos sociais (cinema, editoração, relações públicas, rádio-teledifusão, lazer, divulgação científica, extensão rural). Dessa maneira, os estudos partiriam da prática para a teoria, gerada nas emergentes escolas de comunicação.

Entendemos, portanto, que a Comunicação é uma disciplina “jovem”, seu campo está se estruturando e seus paradigmas em construção, o que nos convoca a desenvolver uma reflexão teórica sobre o reconhecimento dos estudos relativos à definição e à construção da EPC no Brasil e sua contribuição para o fortalecimento do campo. Antes, é necessário explicitar a nossa escolha na pesquisa por “campo”.

Ianni (1998) nos dá uma importante contribuição para entendermos as disputas inerentes ao campo e os caminhos que são percorridos para a sua consolidação. Segundo ele, a edificação dos estudos que alimentam as reflexões científicas não devem perder de vista “as metamorfoses do ‘objeto’ e a simultânea alteração das possibilidades que se abrem ao ‘sujeito’ da reflexão, [o que] colocam-nos novos desafios não só metodológicos e teóricos, mas também epistemológicos” (IANNI, 1998, p. 34).

Prosseguimos nesta discussão com o conceito de Bourdieu (1983, p. 122), de campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas:

Campo científico é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial pelo monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder político; ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente, isto é, de maneira autorizada e com autoridade, que é socialmente outorgada a um agente determinado. Essa legitimidade é, portanto, reconhecida socialmente pelo conjunto dos outros cientistas (que são seus concorrentes), à medida que crescem os recursos científicos acumulados e, correlativamente, a autonomia do campo.

A reflexão acima nos dá pistas sobre quais movimentos devem ser realizados para alinhar a constituição do subcampo da EPC e seu papel na formação do campo da comunicação no Brasil. Está delineado um quadro de análise de que o campo surge de práticas institucionalizados de produção, refletidas na pesquisa (projetos, grupos de estudos, grupos de trabalho, etc.); de reprodução, refletido no trabalho de ensino e na troca de conhecimentos (seminários, colóquios, simpósios, etc.); e circulação de capital e poder científicos, refletidos nos espaços de publicação, tais como livros, coletâneas e periódicos.

É importante pontuar que, de um ponto de vista metodológico, o campo da Comunicação não está situado em lastros completamente sólidos. Para Herscovici (2014, p. 91):

A estruturação de um campo científico se implementa a partir dos seguintes elementos: (a) A construção e a definição do objeto de estudo. (b) A definição de diferentes paradigmas [...] ou de diferentes Programas de Pesquisa Científica (PPC) [...]; eles constituam o núcleo duro (hardcore) a partir do qual as diferentes análises serão desenvolvidas e os diferentes modelos construídos. (c) A definição de critérios que permitem avaliar o valor científico de cada paradigma, e efetuar assim uma reconstrução racional das evoluções deste campo científico.

A partir desses pontos, o autor defende que a constituição do campo da Comunicação se constituiu, essencialmente, parte da definição do objeto de estudo. Todavia, essa condição, limitou, quando não anulou, a criação de paradigmas próprios para o campo.

Longe de ser contrário a uma perspectiva interdisciplinar, Herscovici (2014, p. 94) completa sua análise afirmando que, mesmo com a necessidade de se firmar paradigmas para o campo comunicacional, pois:

A análise não pode se limitar a uma dimensão específica, seja ela estética, sociológica ou econômica; tal análise será obrigatoriamente limitada. No âmbito de uma abordagem interdisciplinar, essas diferentes dimensões precisam ser estudadas nas suas especificidades e nas suas relações de interdependência.

A interdisciplinaridade é uma prática difícil: acredito que não seja possível dar conta de todas as dimensões de determinados fatos sociais. O estudo científico nunca esgota todas as possibilidades embutidas no real; conforme preconizava Marx, é preciso passar do abstrato ao concreto pensado (1972). Certos autores fracassaram ao tentar estudar todas as dimensões dos fatos culturais, informacionais e comunicacionais.

Ainda segundo Herscovici (2014), encontramos na EPC, subcampo por natureza interdisciplinar, modelos de interpretação coerentes que podem ajudar a desanuviar a complexidade do campo, seja pela oferta de explicações sobre a realidade dos objetos estudados (Comunicação, Cultura e Informação, por exemplo) ou por seu compromisso em olhar para esses objetos a partir das evoluções históricas presentes.

É interessante lembrar que a interdisciplinaridade conformada até pelo próprio termo “Economia Política da Comunicação”, partindo dos estudos de crítica à Economia

Política desenvolvidos especialmente por Marx e Engels no século XIX, aqui aplicados à comunicação, contribuem para criar movimentos de avanço da área e também do próprio campo comunicacional.

Como colocado na introdução deste artigo, é necessário contar a nossa história para ter em vista que o que é produzido continuará com os autores já clássicos aqui no país, mas também com novos pesquisadores, que se interessam por objetos diferentes e alcançam outros diálogos para o aprimoramento da EPC no Brasil. Desta forma, mantém-se o intuito de elaborar estudos críticos, mas propositivos, algo fundamental para a produção de conhecimento em qualquer parte do mundo.

Um subcampo em construção

Como já pontuado, a origem da Economia Política da Comunicação (EPC) se localiza no legado marxiano, como eixo estruturante, em diálogo com as teorias da dependência e do imperialismo cultural e os estudos sobre políticas de comunicação. No que tange aos fenômenos da comunicação e das chamadas tecnologias da informação e da comunicação (TICs), a EPC tem como papel estudar as “relações sociais, em especial as relações de poder, que constituem a produção, distribuição e consumo de recursos, incluindo os recursos da comunicação” (MOSCO, 1999, p. 98).

É importante destacar que, além-fronteiras, a EPC possui diferentes tradições, sendo a mais antiga a estadunidense. Entre os pensadores que contribuíram para o desenvolvimento dessa escola, destacamos Dallas Smythe e Herbert Schiller, que, no final da década de 1950, elaboraram uma das mais sérias indagações ao chamado *mass communication research*. Também é importante citar as contribuições de Paul A. Baran e Paul Sweezy, com destaque para as teses da função publicidade no interior do sistema capitalista (BOLAÑO, NARVÁEZ, LOPES, 2013). Além destes, a contribuição do pesquisador Vincent Mosco também se revela como central para a realização do presente trabalho.

A tradição europeia, em especial as escolas inglesas e francesas, tem como referenciais autores como Graham Murdock, Peter Golding, Nicholas Garnham, que elaboram teses críticas nos termos da economia política. Acrescenta-se também a contribuição de Raymond Williams, também um grande referencial dos Estudos Culturais Ingleses.

Na América Latina, os defensores do pensamento crítico vinculados aos debates sobre a Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação e as políticas nacionais de comunicação, especialmente nos anos 1960 e 1970 a partir da Unesco, contribuíram para a formação dos pesquisadores em EPC na região. De fato, a crítica às teorias da dependência (imperialismo) cultural⁴ induzirá a formação de dois tipos de investigação no território latino-americano: o campo dos Estudos Culturais, que tem como seus expoentes Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini; e o campo da Economia Política da Comunicação.

Para Bolaño e Mastrini (2001) a EPC se apresenta como um paradigma holístico, transversal e contra-hegemônico, o qual permite construir conexões com outros enfoques teóricos, tais como com os Estudos Culturais, mas sem perder de vista sua tonalidade e reflexão.

O marco inicial dos estudos em EPC no Brasil tem como referência o artigo “A questão do público de televisão no Brasil: reflexões sobre a pesquisa de Lintas”, de César Ricardo Siqueira Bolaño, publicado na Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação em 1987 –, artigo que sofreu forte influência dos economistas da escola de Economia da Universidade de Campinas (Unicamp), críticos da Teoria da Dependência (BOLAÑO, 2008).

É importante destacar que as primeiras tentativas de organização de um subcampo específico da EPC na América Latina se deram com a criação dos grupos de trabalho em EPC da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), fundado em 1992, como Economia das Comunicações, e da *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación* (ALAIIC), ambos inicialmente coordenados por César Bolaño. Coincidindo com essas iniciativas se constitui, em 1999, a rede de Economia Política das Tecnologias da Informação e da Comunicação (REDE EPTIC) e a Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (REVISTA EPTIC Online), produzida pelo Observatório de Economia e Comunicação (OBSCOM) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil (BOLAÑO, NARVÁEZ E LOPES, s/d, p.1-2). Além disso, destacamos a contribuição do GT de Economia Política da IAMCR (*International Association of Mass Communication*), um dos mais antigos e estruturados GT's de Economia Política.

⁴ Esse campo teórico nasce da crítica a perspectiva funcionalista da “comunicação para o desenvolvimento”.

O passo decisivo para a consolidação da EPC no Brasil e na América Latina foi dado, entretanto, através da realização do I e II *Encuentro de Economía Política de la Comunicación Del Mercosur*, respectivamente em maio de 2001, na Universidade de Buenos Aires, e março de 2002, na Universidade de Brasília, culminando na criação da Unión Latina de Economía Política de la Comunicación, la Información y la Cultura (ULEPICC), formalizada no III *Encuentro Latino de Economía Política de la Comunicación*, em julho de 2002, na Universidade de Sevilla (SIMIS, LOPES, 2010, p. 164).

É interessante destacar que a ULEPICC-Brasil vem ocupando papel de destaque no cenário acadêmico nacional. Em estreito contato com os demais espaços já citados em âmbito nacional e internacional, a ULEPICC-Brasil volta-se, dentre outras atividades, para: a) realização de eventos de estudos de Comunicação, numa abordagem interdisciplinar; b) elaboração de pesquisas e atividades que representem uma contribuição para o campo; c) promoção do intercâmbio de informações e experiências entre especialistas da área; d) efetivação de acordos com entidades congêneres, institutos e órgãos de fomento à investigação social; e) publicação de obras de cunho científico.

Em seus 28 anos de atuação no Brasil a EPC coleciona nomes e publicações de reconhecida relevância para o pensamento crítico. Obras como “Mercado Brasileiro de Televisão” (BOLAÑO, 1988; 2004); “Indústria Cultural, Informação e Capitalismo” (BOLAÑO, 2000); “Comunicação, informação e espaço público: exclusão no mundo globalizado” (BRITTOS, 2002); “Comunicação, informação e cultura: dinâmicas globais e estruturas de poder” (JAMBEIRO, BRITTOS & BOLAÑO, 2004); e “Comunicação na Fase da Multiplicidade da Oferta” (BRITTOS, 2007) demarcaram no interior do campo comunicacional, na últimas décadas, a sua interpretação da problemática estrutural e apresentaram uma resposta concreta aos desafios que se apresentam na atual quadra.

Tendo em vista a centralidade econômica e política que a informação, a comunicação e a cultura ganharam ao longo do processo de reestruturação do capitalismo, com maior relevância a partir dos anos 1970, novos desafios políticos e epistemológicos foram colocados aos agentes sociais nos diferentes espaços (acadêmico, social e no mercado).

Bolaño (2007) advoga que estaria em curso uma mudança social e de questionamento dos paradigmas hegemônicos nas últimas décadas. Ele acrescenta que, diante de todas essas transformações, caberia aos pesquisadores da EPC enfrentar o debate epistemológico travado no interior do campo da comunicação e essa luta passa pelo reconhecimento da contribuição para o pensamento crítico:

Cabe-nos dar à luta epistemológica em todos os campos interdisciplinares vinculados à Comunicação, contar nós mesmos nossa própria história e fazer uma boa crítica a todos os demais enfoques, concorrentes ou complementares, com os quais defrontamos. [...] A história é contada pelos vitoriosos e nós, se não queremos desaparecer e ver nosso trabalho perdido, num futuro muito próximo, temos que contar a nossa (BOLAÑO, 2007, p. 64-65).

É preciso pontuar que o campo da Economia Política da Comunicação, ao mesmo tempo em que referenda a importância de uma “economia” da informação, da comunicação e da cultura e destaca a insuficiência das abordagens estritamente econômicas e tecnicistas na apreensão e análise deste fenômeno social, também propõe, metodologicamente, uma abordagem interdisciplinar e heterodoxa, capaz de conectar diversos campos disciplinares como a Economia, a Comunicação, a Sociologia, a Ciência Política, a Filosofia e os Estudos Culturais Críticos, necessários à constituição deste corpus teórico-crítico.

Nessa perspectiva, Moragas (2011) lembra que a visão hermética de “campo autônomo”, confinado e seguro em sua cercania, cunhada no século XIX, que seria base para algumas correntes dos estudos em comunicação já no início do século XX, é posta em xeque. Com o avançar de diferentes perspectivas de estudo, o campo da Comunicação se firma como objeto transversal, cujas análises podem confluir métodos e pontos de vista amparados em uma visão cromossômica do grande campo das ciências sociais e humanas.

Parte-se do pressuposto de a EPC ser fundamental para o entendimento do papel da informação, da comunicação e da cultura no atual estágio do modo de produção capitalista, o capitalismo financeiro. É preciso também considerar que a reestruturação do sistema, que acentua as forças de produção capitalistas sobre o trabalho intelectual, reflete na construção teórica do campo comunicacional, o que exige leituras que proponham a análise social do ponto de vista crítico e propositivo, característica-base dos estudos da EPC (BOLAÑO, 2014).

Nessa altura, o caráter interdisciplinar da reflexão é condição para o avanço do subcampo em análise. Isso porque, “la posibilidad de colaboración entre diversas ciencias, con tradiciones y puntos de vista distintos, constituye un verdadero reto epistemológico para los estudios de comunicación” (MORAGAS, 2011, p. 20).

E mais, nas palavras de Willians (1992), ampara-se no entendimento de que o estudo da Comunicação, na atualidade, bem como o estudo dos seus subcampos, que nasce da convergência entre os saberes, posiciona a Comunicação no campo científico como uma atividade central do mundo contemporâneo.

Assim, ao realizar um estudo sobre a produção teórica de pesquisadores da EPC no Brasil e o lugar deste eixo teórico-metodológico no Campo da Comunicação tem como fim abrir caminhos para entender como essa perspectiva crítica e interdisciplinar, também presente nos trabalhos sob as bases das Políticas de Comunicação e dos Estudos Culturais, está representada na Academia brasileira nestes tempos.

Algumas apreensões a título de considerações finais

Inserida neste contexto de inquietude, as experiências resultantes da investigação proposta possibilitarão contribuir de forma sistemática para o histórico dos pensadores que contribuíram para o avanço do posicionamento dos estudos em EPC no Brasil. Como já foi destacado, a EPC é uma linha de pensamento relativamente recente, especialmente no campo comunicacional brasileiro. No entanto, o pequeno recorte aqui apresentado revela passos significativos da contribuição dessa linha para luta epistemológica em curso.

Ao longo do mergulho nos caminhos trilhados pelo estudos em EPC no país, alguns passos significativos foram dados, dentre ele o mapeamento e análise das principais referências de publicação na área: a ULEPICC-Br e a Revista EPTIC Online. O estudo sobre a criação e a consolidação do capítulo Brasil da União Latina de Economia Política da Informação, Comunicação e da Cultura, que completou 10 anos ano passado, foi apresentado em congresso nacional da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (Intercom) (SANTOS, MOTA, 2014). Além dele, um estudo sobre os 15 da Revista EPTIC Online, principal periódico científico da EPC no mundo foi realizado em duas partes, com uma análise ainda mais qualitativa a ser apresentada no congresso da ULEPICC-Federação, a ser realizado em dezembro do

vigente ano. Por fim, um levantamento inicial dos grupos de pesquisa brasileiros, iniciado com a análise e levantamento da produção e inserção do Observatório de Economia e Comunicação (OBSCOM), apresentado no Ibercom 2015 (SANTOS, MOTA, 2015).

Foi possível, nas referidas publicações, perceber a importância da organização da área na América Latina, especialmente a partir da formação da Rede EPTIC em 1999, e o papel primordial de pesquisadores brasileiros, casos de César Bolaño, Valério Brittos e Ruy Sardinha Lopes. Além disso, verificamos também certa falta de consistência na utilização de autores e referências latino-americanas nos principais espaços da produção e debate a partir da Economia Política da Comunicação no Brasil.

Espera-se, desse modo, com esse trabalho gerar uma contribuição importante para os estudos da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura não só no Brasil, mas levando em conta a América Latina, dada a importância dos pesquisadores brasileiros na construção do pensamento crítico comunicacional no subcontinente.

A partir da “localização” dos estudos da EPC para o campo comunicacional brasileiro, poderemos apontar as conquistas ao longo destes quase 30 anos de atuação no país e, especialmente, os desafios que estão postos tendo em vista a estrutura acadêmica brasileira, em especial no que tange aos espaços em que estão presentes os investigadores deste eixo teórico-metodológico, atendendo à necessidade de demarcação da EPC.

Como toda pesquisa, essa também é fruto de escolhas, combinações, ajustes e conflitos, mas que se amparará em regras que materializarão e apresentarão cenários amplos e específicos sob a ótica de seus personagens. Esta investigação não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas de contribuir com dados que possam desenhar o atual mapa da Economia Política da Comunicação no Brasil.

Como dito no início desta reflexão, a proposta do mapeamento versa mais sobre um estudo teórico e de mapeamento, que um estudo epistemológico do subcampo, tal movimento tentará não perder de vista as relações e conflitos típicos do campo. No entanto, a pesquisa tem mostrado a urgência em se realizar ampla reflexão epistemológica relativa à definição e à construção da EPC no Brasil.

REFERÊNCIAS

BOLAÑO, C. R. S. *Mercado Brasileiro de Televisão*. São Paulo/Aracaju: Educ; Editora UFS, 2004.

_____. “Trabalho Intelectual, Comunicação e Capitalismo. A reconfiguração do fator subjetivo na atual reestruturação produtiva”. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, n. 11, p. 79-102, 2002.

_____. *Qual a lógica das políticas de comunicação no Brasil?* São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *Comunicação e a Crítica da Economia Política: perspectivas teóricas e epistemológicas*. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

BOLAÑO, C. R. S.; BRITTOS, V. C. *A televisão brasileira na era digital: exclusão, esfera pública e movimentos estruturantes*. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. (2005). *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus.

BOURDIEU, P. “O Campo Científico”, in Bourdieu (Col. Grandes Cientistas Sociais). São Paulo, Ática, 1983.

BRITTOS, V. C. (Org.). *Comunicação, informação e espaço público: exclusão no mundo globalizado*. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2002.

_____. Televisão, Concentração e Concorrência no Capitalismo Contemporâneo. In: BRITTOS, V. (Org.). *Comunicação na Fase da Multiplicidade da Oferta*. Porto Alegre: Nova Prova, 2006.

_____. A oligopolização do mercado brasileiro de televisão por assinatura. *Verso e Reverso*, São Leopoldo, n. 28, p. 65-92, 1999.

HERSCOVICI, A. A Economia Política da Informação, da Cultura e da Comunicação: questões metodológicas e epistemológicas. *Revista Eptic Online*, v. 5, n. 3, Set-Dez. 2003.

_____. Economia Política da Comunicação: uma tentativa de definição epistemológica. *Revista Eptic Online*, v. 16, n. 3, Set-Dez. 2014. Pg. 84-98.

IANNI, O., “As Ciências Sociais na Época da Globalização”, in *Revista Brasileira de Ciência Sociais*, vol. 13, no 37, 1998.

SANTOS, A. D. G. dos; MOTA, J. S. *10 anos da ULEPICC-Br: contribuições para o desenvolvimento da EPC no Brasil*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37, Foz do Iguaçu, 2014. São Paulo: Intercom, 2014.

SANTOS, Anderson David G., LOPES, Ruy S., MOTA, Joanne S. Contribuições teóricas da Revista EPTIC Online para o debate no campo comunicacional (2009-2014). In: Associação Ibero-Americana de Comunicação, São Paulo, de 29 de março a 02 de abril de 2015.

WILLIAMS, R. *Historia de la Comunicación*. Barcelona: Bosch. 1992.